

CRENÇA

Aprendendo a ser feliz.

Muitos me perguntam se tenho alguma crença. Sim, tenho, mas não sou adepto da fé cristã, na qual fui educado.

O catolicismo foi imposto aos brasileiros do início da colonização, 1532, à proclamação da República, 1889. Todos eram obrigados à fé católicaⁱ e os fiéis tinham que freqüentar as igrejas sob pena de prisão e multas pecuniárias.

Veja este texto de Dimas Perrin, citado em Mãe África:

“Durante o jugo português, em Minas, a polícia estava em todas. Servia até para punir aqueles que não cumprissem bem os seus deveres religiosos, como se depreende do seguinte edital, publicado já no fim do século XVIII, pela Câmara de São Joséⁱⁱ: *Fazemos saber a todos os moradores desta Villa que no dia quinta feira que se ade contar 3 deste corrente mez se ade festejar ou fazer função de Corpo de Deos como sempre he costume com procissão pellas ruas e para melhor ornato da mesma terão todas as ruas aseadas com as suas portas e janelas ornadas com aquelle aseo e adorno que lhes são permitidos com a pena de que aquelle que assim não o fizer será prezo oito dias na cadeia e pagará duas oitavas de ouro de condenação para as despesas do Conselho, etc. Passado em 1 de junho de 1799*”

-Por que esta obrigatoriedade, nas colônias portuguesas e espanholas?

Em 1494, com a interveniência do Papa Alexandre VI, estas nações assinaram um tratado de divisão de terras que seriam conquistadas além-mar e assumiram perante a Igreja a obrigação de evangelizar os gentios, obrigando-os ao catolicismo. Se fosse necessário, poderiam ser escravizados para que fosse cumprido o chamado “direito de missão” estabelecido pelo Papa no Tratado de Tordesilhasⁱⁱⁱ. Naquele tempo, a Igreja era unida ao Estado não havendo os registros civis. Havia os

eclesiásticos: o chamado **padre de vara** emitia os batistérios, os proclamas, fazia os casamentos, lavrava as certidões e os atestados de óbito.

Mas, com o advento da república, o Estado se separou da Igreja e os brasileiros passaram a ter liberdade de culto. E outras religiões começaram a aparecer entre nós.

Entretanto, somente na segunda metade do século XX esta liberdade floresceu: o espiritismo se espalhou, a umbanda passou a ser praticada à luz do dia e as igrejas evangélicas se multiplicaram, apesar da perseguição da Igreja que nunca se deu por vencida. E já existem algumas poucas mesquitas criadas por imigrantes islâmicos, algumas sinagogas e até mesmo templos budistas fundados por comunidades de origem japonesa.

Mesmo assim, quase todos os brasileiros continuam cristãos: católicos, evangélicos, espíritas e umbandistas. Raros são muçulmanos, judeus ou budistas

-Por que sou adepto da filosofia budista?

Minha trajetória foi longa e tortuosa.

Fui educado em colégio católico. Rezava-se no café da manhã, antes de iniciar cada aula e antes de almoçar. À noite, havia o terço. Aos domingos, missa. Quando estudava engenharia, militava na Juventude Universitária Católica e fazia as leituras da missa dos estudantes, aos domingos, na igreja do Carmo, em Ouro Preto. Foi católica a cerimônia de meu casamento, bem como os batizados das filhas. Até hoje, sou fascinado pela leitura da Bíblia.

Mas, em 1980, apareceu-me a gota, uma doença conhecida como crônica que iria me obrigar a uma dieta e a uma vigilância permanente do ácido úrico. Nesta época, com o pé esquerdo inchado, um pé calçado e o outro no chinelo, durante 30 dias, vivi em Florianópolis, negociando a construção da Ponte Colombo Sales, que une a ilha ao continente. Mancando, porque o pé estava inchado, assinei com o Governador o contrato da obra, em frente às câmaras de TV. Os médicos me disseram que a doença me poria em uma cadeira de rodas se eu não me cuidasse. Mas minha sogra, para me tranquilizar, me disse: “Não se preocupe, não, meu filho! Os médicos sabem muito pouco. Vou te dar uns livrinhos”... E me deu uma coleção de revistas editadas pela Seicho-no-iê.

Foi meu primeiro contato com a filosofia oriental.

Passei a ler as revistinhas de forma metódica, uma de cada vez. Compreendi que minha doença era um sinal de alerta: meu corpo me avisava que eu estava vivendo erradamente, cultuando valores negativos. Fui estudando a filosofia budista e compreendendo paulatinamente a profunda necessidade de mudar a forma de pensar e de viver. E, fugindo da crise que a minha empresa atravessava, mudei de vida: deixei meu emprego e fui trabalhar no Iraque, na construção de uma grande rodovia. Levei um estoque de comprimidos que o médico havia receitado. Eu tinha medo de não encontrar remédio por lá, pois estaria morando em um acampamento no deserto de Tulaha, no estado de Al Anbar, a caminho da Jordânia, longe de centros médicos. Passei a reler as revistinhas, a estudá-las, frase por frase. Iluminaram-me o caminho. A estrada ficou mais clara e meus valores foram sendo substituídos por outros.

Um dia, atirei no deserto todos os meus remédios: mais de 500 comprimidos. E nunca mais senti nada. A gota desapareceu. Passados 30 anos, nunca mais se manifestou. Como diziam os latinos, “cessando a causa, cessam-se os efeitos”. A causa da gota era a infelicidade, que provoca no homem a disfunção. No meu caso, uma disfunção renal.

Mas não esqueci as revistinhas budistas e procurei me aprofundar na doutrina. Vivendo no Iraque, um país profundamente islâmico, passei a comparar essas três grandes crenças tão importantes no mundo: o budismo, o cristianismo e o islamismo. Estas duas, derivadas do judaísmo, são semelhantes. Baseiam-se no conceito de pecado e na necessidade de se salvar a alma.

Enquanto o cristianismo prega o perdão, o islamismo diz que perdoar é ato divino e somente Deus pode fazê-lo. Desta forma, são impiedosos com aqueles que cometem crimes. A lei islâmica é severa e a cristã benevolente, frouxa.

O budismo possui numerosas seitas, com diferentes atos litúrgicos, mas a filosofia é única. Devo esclarecer que sigo a linha filosófica sem me preocupar com a religião. Religiões sempre trazem dogmas adicionais originados de costumes que podem ter sentido para uma nação específica.

Vou falar sobre os valores negativos que me foram inculcados pela educação cristã, dos quais tenho me livrado nas últimas décadas. E, naturalmente, explicar a natureza da doutrina que passei a seguir.

Segundo o cristianismo, somos pecadores e o sofrimento existe para que possamos resgatar os pecados com o objetivo de salvarmos a alma da condenação eterna. Cristo morreu sofrendo para salvar a humanidade.

Contrariamente, pela filosofia budista, não somos pecadores e não precisamos sofrer. Se somos criados por Deus, como poderíamos ser pecadores? Assim, não temos que resgatar pecados. O budismo tem como objetivo a felicidade humana e, não, a salvação da alma.

Ensina que o bem foi criado por Deus, e, por isto, possui “existência verdadeira”. O mal não foi criado por Deus e pode ser erradicado por não ter “existência verdadeira”. Em outras palavras, o homem pode erradicar o mal, mas não pode eliminar o bem, que possui “existência verdadeira”.

A isto o budismo chama **verdade**.

A doença não possui **existência verdadeira**. O sofrimento não possui **existência verdadeira**. Por isto podem ser eliminados. São chamados de **ilusão**.

O budismo prega a felicidade e ensina o método a ser praticado para alcançá-la.

Baseia-se em quatro verdades nobres:

-Primeira: a vida é imprevisível e mutante: relaxemo-nos; vamos reconhecer esta verdade e reduzir o nosso nível de ansiedade com relação ao futuro; segundo o Dalai Lama, “os homens pensam tão ansiosamente no futuro que se esquecem de viver o presente... e, depois, também não vivem o futuro”; “vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido”; este conceito é conhecido como princípio da impermanência;

-Segunda: a causa do sofrimento é o egoísmo: minha casa, minha mulher, minha empresa, meu carro, meus filhos... mas, nada disso nos pertence; sejamos menos egoístas, menos apegados; nada levaremos;

-Terceira: a felicidade vem de dentro; o motivo de felicidade é interior; se o nosso motivo de felicidade estiver no mundo externo, já perdemos o controle sobre a nossa vida e vamos sofrer muito; se o nosso motivo de felicidade for interior, teremos controle sobre o nosso nível de satisfação;

-Quarta: o caminho a seguir é o **caminho do meio**; nada de extremismos, de radicalização; temos dois grandes mestres: o maior deles é nossa própria mente; o segundo é a pessoa que mais nos fizer sofrer; este obstáculo nos dará a grande e única oportunidade de crescer; é a chance imperdível de desenvolvermos a paciência, mãe de todas as virtudes.

No cristianismo, a palavra mágica é o perdão. No budismo é o agradecimento. Não se fala em perdão. Pratica-se a compaixão e o agradecimento.

Não vamos agradecer à pessoa pelo mal que nos fez. Mas não podemos odiá-la. Nossa atitude perante esta pessoa será de compaixão. Não teremos que perdoá-la: nada há para ser perdoado; quem perdoa se coloca em posição superior e **não há posição superior entre os humanos**. Mas vamos agradecer a Deus a espetacular oportunidade de passar por esta experiência imprescindível ao nosso crescimento. A oportunidade de crescer surge somente com as dificuldades. Quem não passa por momentos difíceis, quem não vence obstáculos não cresce. As dificuldades são absolutamente necessárias ao aprendizado e ao crescimento interior e exterior.

O atleta treina vencendo obstáculos cada vez maiores. Seu treinador lhe impõe numerosos exercícios. Alguns, impossíveis. Mas ele os aceita de bom grado. E erra... Erra... Tenta... Tenta até conseguir, mesmo os considerados impossíveis. O budismo é uma filosofia de vida que traz o método a ser seguido para o crescimento e para a felicidade humana. Não se fala em pecado, muito menos em sofrer para pagar pecados. Aquele que se declara pecador está se diminuindo, se atolando no sofrimento e na infelicidade. As principais orações católicas falam de pecado e sofrimento. Elas são “down”, prejudiciais à procura da felicidade. No budismo, nada se pede a Deus. Ele já nos deu tudo. Não se fala em perdão. Fala-se em agradecimento e pratica-se a compaixão.

Agradeçamos a Deus a oportunidade de estarmos vivendo, a oportunidade estarmos vencendo as dificuldades porque elas trazem o crescimento;

agradeçamos à mulher, aos filhos, a nossos funcionários, colaboradores e amigos.

O agradecimento gera a autoconfiança, a força, a coragem, o sucesso, a saúde e o otimismo, peça-chave para a realização dos sonhos. Atrai a colaboração das pessoas.

O pessimismo gera a doença. A mente sofrida adoce o corpo.

Há uma frase muito interessante de um poeta latino, Virgílio: “a sorte favorece os destemidos”. O empreendedor aceita as dificuldades como o atleta procura os obstáculos usando-os para crescer.

O budismo ensina o método para a iluminação, que traz a felicidade e a saúde. Usa-se a meditação para treinar a mente. Como o atleta salta os obstáculos, a mente deve ser treinada para se fixar nos valores “que possuem existência verdadeira”, abandonando crenças e valores que trazem o sofrimento, provocam enfermidades e atraem a infelicidade.

Vejamos esta definição de ódio: “é o veneno que se ingere, dia a dia, na esperança de que ele possa matar a pessoa odiada”. Na realidade, ele mata quem o cultiva. Ele paralisa a mente da pessoa e faz o indivíduo involuir mergulhando-o nas trevas do ressentimento. Provoca o sofrimento, a infelicidade, a doença e a não realização dos sonhos. A enfermidade é neta do ódio e filha do rancor. E nada mata mais do que a infelicidade humana. Juntamente com a ignorância, são os grandes algozes da humanidade.

A doutrina de Buda não ensina que ele seja Deus. Nem que seja filho de pais extraordinários. Ensina que foi um príncipe, casado, que renunciou a riqueza e saiu pelo mundo à procura da felicidade. Ele mudou de vida muitas vezes. Iluminou-se e passou a ensinar.

Não se pode matar nem roubar porque isto traz a infelicidade.

Não se pode odiar. Rancor, nem pensar. Ser vingativo, nunca. Estes sentimentos negativos geram a doença.

É necessário compreender os valores que trazem a felicidade e abandonar aquilo que “não possui existência verdadeira”. Ou seja, aquilo que “não foi criado por Deus”.

A mente comanda o corpo. Assim, deve ser preenchida com sentimentos sadios para se ter saúde.

Ela deve ser cultivada com o saber e com exercícios, como faz o atleta. Usa-se a meditação para o este treinamento mental. A concentração e a prática dos valores que possuem “existência verdadeira” trazem o crescimento, a riqueza, a vitória, a realização dos sonhos, a saúde e a felicidade.

Por isto não sou cristão. O cristianismo é negativo. Os fiéis se concentram no pecado recitando preces negativas, pedindo perdão a Deus e se culpando. Procuro fugir das orações que fazem apologia do sofrimento^{iv}. Valores negativos não possuem “existência verdadeira”. São “ilusões” criadas pelo homem, como dizem os budistas. Devem ser substituídos por outros, positivos, que tenham “existência verdadeira”, trazendo a saúde física e mental.

Mas, há que se respeitar todas as crenças humanas. O desrespeito é filho da arrogância. Neto da ignorância. Contrariamente, o respeito vem da compaixão. Ele é humilde, aproxima as pessoas, alivia as dores, faz bem aos sentimentos e promove a paz.

Mas, quando vou a uma igreja, fico comovido com a fé demonstrada pelas pessoas, sobretudo as mais simples, apesar das orações sofridas. O homem não consegue viver sem a fé.

E a quarta verdade nobre da doutrina budista recomenda que sigamos nosso mestre maior, que é a gente mesmo. Desta forma, aconselho a todos que sigam a própria mente. Como diz o Dalai Lama: “a boa religião é aquela que nos transforma em uma pessoa melhor”. E deve ser uma conquista íntima.

É saudável e necessária a existência de outras crenças.

É bom que os homens pensem de formas diferentes.

Fidencio Maciel.

São Francisco, abril de 2011.

Revisado em 13/04/2012

i Freitas, Fidenco Maciel, Mãe África, 2002, Edição Usicultura, pg. 143, www.africamae.com.br. Era obrigação do comprador batizar o escravo no prazo de um ano da arrematação. Explicação necessária: “Duas oitavas de ouro” quer dizer: duas vezes oito avos de onça deste metal, o que totaliza $(2/8) \times 28g = 7g$. Naquele tempo, uma criança de 6 meses, escrava, do sexo masculino, valia 30g de ouro; uma mucama, 250g; um ferreiro, alfaiate ou pedreiro valia 500g; um cavalo bom, 180g; uma refeição com um copo de vinho, 2g; uma camisa de linho com seus babados, 4g de ouro.

ii São José Del Rey, hoje, Tiradentes-MG, cidade natal do inconfidente, considerada pela UNESCO Patrimônio da Humanidade.

iii Freitas, Fidenco Maciel, Mãe África, op. cit., pg. 135, www.africamae.com.br

Alexandre VI traçou sobre o mapa o Meridiano das Tordesilhas, que deu nome ao tratado assinado entre Portugal e Espanha, fazendo a partilha do globo terrestre entre estas duas nações católicas, pelo que, Francisco I, Rei da França, indignado com o apoio do Papa a espanhóis e portugueses teria dito: eu gostaria de ver a cláusula do testamento de Adão que me exclui da partilha do mundo.

iv Observar que o “Pai Nosso” é uma oração positiva, mas, uma exceção.